

# Sobre a *Consulta Popular*

Entrevista com César Benjamin

por HECTOR BENOIT\*

## Apresentação

Publicamos aqui uma entrevista com César Benjamin, organizador do livro *A opção brasileira* (1998), obra coletiva que expressa a síntese das posições teóricas da *Consulta Popular*, importante movimento que hoje já conta com milhares de militantes (trabalhadores, estudantes, líderes de movimentos populares) espalhados por todo o país. Da *Consulta* participam desde conhecidos intelectuais, como Emir Sader e Plínio de Arruda Sampaio, até expressivas lideranças das lutas populares, entre eles, João Pedro Stédile, do *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST*. Em dezembro de 1997, em Itaici (SP), foi realizada uma primeira grande reunião da *Consulta* com cerca de trezentos delegados vindos de todo o país e representando diversos setores da sociedade brasileira. Desta reunião de Itaici resultou o livro *A opção brasileira*. A *Consulta Popular* é, assim, sem dúvida, uma séria e inovadora tentativa para articular uma alternativa para o Brasil. Trata-se, porém, como César Benjamin mostra nesta entrevista, de uma alternativa que entra em aberto confronto tanto com a burguesia brasileira como com o imperialismo, que entra em franco confronto também tanto com a inércia da esquerda parlamentar, quanto com a inércia de uma esquerda tradicional que somente sabe citar e repetir textos de Marx, sem jamais compreendê-los e, assim, sem jamais aplicá-los na prática transformadora.

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Unicamp.

**CM** – Em primeiro lugar, gostaríamos que você falasse um pouco a respeito da sua trajetória política anterior e das suas relações com a esquerda tradicional.

**CB** – *Comecei a militar de forma sistemática com treze anos de idade, em 1967. No ano seguinte, ingressei na Dissidência (do Partido Comunista Brasileiro) da Guanabara, que se transformou em Movimento Revolucionário Oito de Outubro em agosto de 1969, quando se preparava para fazer o seqüestro do embaixador americano. Deixei nesse ano a escola, depois de concluir o antigo ginásio, hoje correspondente ao fim do primeiro grau. Praticamente não voltei mais à escola. Passei para a clandestinidade e participei da luta armada até ser preso, em agosto de 1971, na Bahia. Fiquei na prisão durante pouco mais de cinco anos, três e meio dos quais em solitária. Fui expulso do Brasil em 1976 e retornei em fins de 1978, um ano antes da anistia, para ingressar no movimento pró-PT e, depois, no próprio PT, do qual me desliguei em 1995.*

**CM** – Como você pensa hoje o caminho percorrido pelo PT e sua situação atual?

**CB** – *Creio que a história foi duplamente madrastra com o PT. Falando de forma simplificada, há duas situações em que um partido ou movimento consegue manter sua coerência sem grandes dificuldades. A primeira é quando ele é suficientemente pequeno para coesionar-se pela ideologia, em geral pagando o preço de fragmentações sucessivas; nesse caso, não precisa estabelecer muitas mediações com a sociedade, tal como ela é, cheia de “impurezas”. A segunda situação é quando ele está imerso em uma sociedade em transformação, que produz a energia da mudança e da renovação.*

*Nos anos 90, a história do PT é a de um partido que se tornou grande o bastante para ganhar espaços crescentes de participação no sistema de poder, porém num contexto social e ideológico dominado pela anti-reforma conservadora e retrógrada. As principais tendências e dirigentes do partido nunca compreenderam, ou não quiseram compreender, os perigos inerentes a essa situação e acabaram compactuando com eles. A crise latente se aprofundou.*

**CM** – Você considera que o PT foi gradualmente cooptado pela participação no poder? Seria um processo similar ao que ocorreu com a social-democracia européia?

**CB** – *Não seria justo comparar a trajetória do PT com a da social-democracia européia. Esta última deixou-se cooptar, no segundo pós-guerra, por um capitalismo que retomava altas taxas de crescimento e estava disposto a fazer concessões importantes aos trabalhadores. Foi uma cooptação associada a*

*ganhos reais para a base social desse movimento. Por isso, o processo de integração da social-democracia à ordem pôde se expressar doutrinarmente, com uma teoria legitimadora. A cooptação do PT, ao contrário, se acelerou justamente no período em que o capitalismo brasileiro mostrava sua face mais perversa. Foi uma cooptação sem ganhos para sua base social, sem pacto, sem teoria, sem legitimidade, sem dignidade, e que por isso nunca pôde completar-se.*

*O PT não se transformou em um partido da ordem, e nem poderia tê-lo feito, pois isso corresponderia, em nosso caso, a um suicídio espetacular. Mas perdeu a capacidade política, teórica e moral de ser um partido contra a ordem. Caiu no limbo. Com o tempo, o oportunismo, o curto-prazismo e o pragmatismo se tornaram uma cultura, e não um desvio, dentro de um partido que não se move mais por idéias ou ideais, mas por interesses. Isso vem associado a uma luta interna desesperada e sem solução, por parte dos que ainda resistem. Ganhando ou perdendo eleições, o PT não é mais depositário do projeto de construir, no Brasil, uma organização de massas, democrática e socialista, voltada para impulsionar uma transformação histórica da nossa sociedade. Quem quiser se manter fiel a esse projeto deve reconhecer isso sem tergiversações.*

**CM** – Nesse sentido, parece-me inseparável essa falência quase total do PT com a articulação da *Consulta*. Como você caracteriza a *Consulta Popular*?

**CB** – *A aceleração da crise brasileira, a deslegitimação do projeto neoliberal e a incapacidade de os partidos gerarem projetos estratégicos alternativos estão conduzindo um número crescente de militantes a buscar outros caminhos. Nesse contexto, entre outras iniciativas, surge a Consulta, que tem buscado combinar formação de quadros, organização de lutas populares e formulação teórica, tentando não se deixar levar nem pelo dogmatismo típico das organizações vocacionadas para o isolamento, nem pelo pragmatismo da política burguesa.*

*Enfatizamos a necessidade de um processo de refundação da esquerda centrado em três vertentes – valores, prática e pensamento – e tendo em vista consolidar uma rede de militância capaz de dialogar de forma fecunda com o povo. Não nos interessa discutir palavras de ordem em congressos repletos de funcionários da burocracia. Tampouco temos ilusão de que a superação da nossa profunda crise ideológica dependa de criarmos uma nova sigla partidária. Estamos preocupados em fazer avançar os conteúdos de uma refundação mais ampla, num processo longo e difícil, que precisará envolver, no tempo, muitos milhares de militantes. Tudo está no começo. Somos fracos, não temos respostas para muitas questões.*

**CM** – No caso o livro *A opção brasileira*, que é uma espécie de “carta teórica” da *Consulta*, foi desconhecido ou recebeu muitas críticas de setores ditos de esquerda, críticas às vezes duras, inclusive em resenha publicada na CM. Que você pensa dessas críticas?

**CB** – *É claro que não escreveríamos hoje A opção brasileira de forma igual à que escrevemos há dois anos e meio. Haveria várias correções. Mas o livro continua a ser, de longe, o melhor texto produzido pela esquerda em nosso país nos últimos muitos anos. Como tal, ele incomodou profundamente os adeptos da mediocridade, da mesmice, da rotina, do obscurantismo, da retórica e do radicalismo de botequim. É considerado radical demais pelos moderados e moderado demais pelos radicais. Para mim, é um bom sinal. Com algumas honrosas exceções – como dois belos artigos críticos de Juarez Guimarães no jornal Em Tempo –, ele foi recebido com silêncio ou com críticas medíocres e desonestas, que não merecem resposta. Mas vendeu 20 mil exemplares, continua vendendo, e tem-se tornado uma referência cada vez mais forte num debate amplo, que não está circunscrito à esquerda. Era esse o seu papel. A opção brasileira é, antes de tudo, um texto de intervenção política, e não de análise teórica ou acadêmica. Tem havido muita confusão a esse respeito, porque nos desacostumamos de conviver com intervenções políticas qualificadas, que usam a teoria, usam a história, usam a economia, mas se dirigem para identificar o sentido estratégico da ação. Em geral, temos, de um lado, produção acadêmica dissociada da prática e, de outro, debates pragmáticos sobre conjuntura. O espaço da reflexão estratégica está por ser reconstruído.*

**CM** – Entre as críticas à *Consulta*, está aquela de que este movimento seria uma retomada da ideologia desenvolvimentista que levou a esquerda brasileira a tantas derrotas. Embutida nesta crítica aparece aquela de que o programa da *Consulta* não rompe com a burguesia nacional. O que você diz disto?

**CB** – *Defendemos explicitamente a eliminação do latifúndio, a estatização do sistema financeiro, a expropriação dos meios de comunicação de massa e sua transformação em espaços públicos, a ruptura dos laços de dependência externa, a nacionalização dos setores estratégicos da economia, o desmonte do atual sistema de poder (a que chamamos democracia restrita), etc. Mesmo assim, um crítico afirmou que nossas posições são iguais às dos moderados do PT, enquanto outro escrevia que queremos de volta o velho desenvolvimentismo. Isso é cinismo, má-fé, falta de seriedade. Não sei em que país eles vivem. Se alguém acredita que a burguesia brasileira pode liderar um programa desse tipo, ou pelo menos tolerá-lo, provavelmente acredita também que Papai Noel existe e que o coelhinho bota ovos de chocolate na Páscoa.*

**CM** – Você considera sério o conceito de “globalização”?

**CB** – *Globalização é apenas o nome de fantasia do projeto de retomada, ou reafirmação, da hegemonia norte-americana sobre o mundo.*

**CM** – Você considera que a *Consulta* é propriamente um partido ou um movimento marxista?

**CB** – *Temos militantes de muitos movimentos sociais e de diferentes partidos, e, até onde a compreendo, a Consulta não é uma organização marxista. Aliás, o próprio Marx dizia que não era marxista, pois tinha lucidez suficiente para antever as barbaridades que seriam ditas em seu nome. Ele é um autor profundo, preciso, sutil, capaz de conduzir raciocínios longos e complexos, com muitas variáveis e em diferentes níveis de abstração (ninguém é um grande filósofo alemão à toa). Por isso mesmo, lamentavelmente, Marx é cada vez menos lido. Muitos só o conhecem de citações, ou então de manuais de vulgarização, mas mesmo assim consideram-se guardiães da pureza de seu pensamento. São patéticos.*

*Quanto à sociedade que queremos, ela deve ser construída à imagem e semelhança dos interesses, do potencial humano e dos valores dos grupos sociais que vivem do trabalho e da cultura; deve colocar a capacidade criativa do homem a serviço de sua liberdade; deve fazer prevalecer a esfera pública, sem esmagar o indivíduo. Nos dois últimos séculos, uma sociedade assim imaginada, que mobilizou a vida de milhões de pessoas, ganhou um nome – socialismo –, e nós não vemos por que esse nome deva ser abandonado.*

**CM** – O livro *A opção brasileira* expressaria assim essa sua compreensão “viva” da obra de Marx, contra o marxismo de manual e acadêmico?

**CB** – *Em toda a sua obra, Marx nunca perde de vista dois tipos de referências fundamentais: de um lado, as leis inerentes ao modo de produção dominante, que de forma cuidadosa e precisa, como era de seu feitio, ele chama de leis, de tendência (o que, por si só, implica a existência de contratendências); de outro lado, sua segunda referência permanente é o processo histórico, que não segue o mesmo encadeamento lógico das construções intelectuais. Por isso, nas suas obras especificamente históricas, Marx sempre busca identificar as tendências fundamentais que condicionam as opções dos atores, enquanto nas suas principais obras teóricas ele trata exaustivamente, por exemplo, da renda da terra ou da acumulação primitiva, que são fenômenos históricos por excelência e que poderiam ser considerados espúrios numa análise puramente lógica.*

*A história, para Marx, não é um conjunto de fatos que ele pinça para*

*“demonstrar” sua teoria. Ela é constitutiva da teoria. Ao jogarem fora essa segunda dimensão, os manuais de vulgarização se afastam do modo como Marx pensava. Tudo se reduz ao desdobramento interno de um modo de produção, segundo uma lógica dada e prevista. Os homens passam a ser, no máximo, coadjuvantes de sua própria história, definida estritamente pela economia. Pobre Marx, cuja maior obra teórica é justamente a crítica da economia! É ele quem denuncia que este é o modo especificamente burguês de pensar.*

*Para os marxistas de manual, no entanto, tudo o que não diz respeito ao movimento lógico do modo de produção é mistificação. Não há povos, não há culturas, não há memórias, não há nações, não há espaços geográficos, não há idéias, não há instituições, não há línguas, não há diferentes formas de sociabilidade, enfim, não há mundo. A realidade é uma grande ilusão. Logo, tampouco há processo especificamente histórico. Tudo se resume à idéia estúpida de que o passado é ruim – e, portanto, deve ser objeto de uma incessante denúncia –, mas o futuro será luminoso. A superação ocorre sem nenhuma ligação com o que foi superado. Pobre Marx!*

*Por isso essa gente se choca quando lê A opção brasileira. E critica justamente os pontos fortes do livro: a análise específica da sociedade brasileira (e não do modo abstrato de produção), a busca dos elementos históricos que podem ser portadores de outro sentido de futuro, a incorporação de grande número de variáveis, o reconhecimento de mediações inerentes a qualquer processo real, etc. Enchem a boca para falar numa revolução mundial contra o capital – que é apenas uma abstração retórica – e em seguida nos convidam para tomar um porre ou então aceitar uma militância paroquial e medíocre. Francamente...*

BENJAMIN, César. Sobre a consulta popular. *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, v.1, n. 11, 2000, p. 123-128. Entrevista concedida a Hector Benoit.

***Palavras-chave:*** Consulta Popular; Esquerda; Burguesia; Imperialismo.